

EVASÃO ESCOLAR E SOCIEDADE BRASILEIRA: IDEIAS PARA UM ENSAIO SOCIOLÓGICO

<https://doi.org/10.5281/zenodo.15549503>

ANDRADE, Marcelo Pereira de, Mestre

Faculdade de Tecnologia de Praia Grande – Centro Paula Souza
Pça. 19 de Janeiro, 144, Boqueirão, Praia Grande / SP, CEP: 11700-100
Fone (13) 3591-1303
marceloandrade@fatecpg.com.br

Normalmente, ao abrir o jornal Folha de São Paulo ou Estadão, quando a época em que a Fuvest publica os felizardos contemplados a uma vaga na Universidade de São Paulo, ficamos com a certeza de que é um mundo diferente aquele, diferente para tanta gente que nunca vai chegar perto da Universidade, pelo menos ainda não. Lemos os nomes e temos uma percepção imediata do que se trata. Certo desconforto, ao menos para o leitor implicativo, quanto ao reconhecimento da realidade que o cerca. Porque os nomes são difíceis de pronunciar, mas não nos contentamos e dizemos a nós mesmos, “é assim que é...”. Os nomes são estrangeiros, como é estrangeiro o povo brasileiro à exceção dos tupinambás e semelhantes. Mas desses estrangeiros, seriam algumas ascendências privilegiadas em relação a outras? Quase sempre é de se notar.

Bem, a questão, delicada como parece, impacta diretamente na observância dos nomes que via de regra estampa as fotos de reportagens dos aprovados na Fuvest. É notório, um estigma talvez, provocado por fatores sociológicos plenamente observáveis em nossa realidade. Pois bem, a garota da última reportagem do suplemento de cotidiano, do dia em que foi publicada a lista dos aprovados não deixa dúvidas. Trata-se de um léxico frequente, mais um registro léxico da realidade educacional e social brasileira. Nesse dia, os vestibulandos aprovados aparecem sempre de rostos pintados e sorriso grato estampado no rosto, o que é sim uma cena comovente, pois se tratam de heróis, bons filhos que honraram o esforço de seus pais em dar-lhes uma educação de qualidade, que eles por sua vez souberam aproveitar.

Mas qual o erro então? Nenhum, salvo que da análise dos nomes sobrevém à observância sociológica que falamos, e que exageramos com um intuito notadamente teórico para a análise sociológica ter valor. Ana Carolina Scogniaglio, aprovada em Publicidade e Propaganda. Paulistana, caucasiana de ascendência italiana.

A sociologia nos permite generalizações que, como em qualquer outra ciência, atravessa o crivo estabelecido pelo observador do experimento. O controle de hipótese é justificado pela própria característica propositiva do trabalho científico. Em Sociologia, o ensaio sobre a observação do fato social remete sempre a ampliação desse fato para um melhor esclarecimento do objeto, do fenômeno estudado. Assim, fazemos uso do recurso metodológico para destacar o nosso intento, que não é o de endossar preconceitos ou caracterizar as prerrogativas da segmentação, denunciando tão somente com doses de amargo ressentimento, o que poderiam julgar como a denúncia de um determinado exclusivismo dos incluídos *insiders* em detrimento dos excluídos *outsiders* (ELIAS & SCOTSON, 2000). O destaque atribuído ao nome da estudante, no caso do vestibular de universidade pública brasileira apenas conota uma impressão sociológica pertinente que acreditamos ser ponderável numa média de amostras de fatos sociais coerentes com nossa assertiva. Tais fatos se relacionam ao que salta aos olhos ao observador sociológico e endossa o viés ensaístico do olhar que capta a impressão e a transforma em conhecimento, registro histórico de uma condição social preponderante na sociedade brasileira.

O mais curioso a ser relevado nessa observação fenomênica do fato social referido, faz jus ao nosso intento de demonstrar que há na sociedade brasileira algo necessário que afasta o contingencial. O nome da estudante entra em destaque apenas quando capitula uma reedição jornalística da notícia, como um *deja vu*, isto é, a classe média e sua ocupação dos espaços privilegiados do ensino público brasileiro, uma constante nos suplementos de vestibulandos entre as melhores universidades brasileiras.

De que serve a observação sociológica se ela não levantar as pistas para a elucidação dos fatos? Mesmo a literatura é uma sala de ensaio sociológico que privilegia a atenção do observador de olhar fino. Nesse sentido, vemos que uma novela pode muito bem explicar condições morais que a análise meramente científica é incapaz de

revelar na essência. A literatura, o jornalismo como ensaio sociológico nos convida a pensar empiricamente, porém de modo metodológico segundo as regras do teste científico, ou segundo a candidatura à agudeza de espírito de um ensaísta.

Como proposta de ensaio sociológico, portanto, um estudo da evasão escolar na sociedade brasileira deve estimular a provocação política para realidades inalteradas historicamente.

A evasão escolar é um traço típico e marcante das classes trabalhadoras, também denominadas classes populares. O anseio de se matricular numa instituição de ensino superior, por exemplo, atende as expectativas de nossa época. Contemporaneamente, o espaço que a Universidade tomou em nosso meio histórico e social, nos leva a acreditar que desde o século XVIII, o mundo moderno é o mundo redesenhado, redefinido e reprogramado pelo e para o saber universitário. De modo que, toda a produção do conhecimento passa por essa esfera absoluta da modelagem de nossa realidade cultural, sobretudo política e econômica.

Entrar no ensino superior, na sociedade brasileira contemporânea passou a ser uma meta, e na maioria dos casos, uma questão de sobrevivência na era do conhecimento total. Porém, ao invés de detalharmos estatisticamente o quanto de pessoas que chegam a Universidade e permanecem nela até ao menos até a conclusão do curso proposto, preferimos compreender o custo social que impede que vasta parcela da população acesse estes estratos e permaneça à margem dessa cultura.

Primeiramente, deveríamos perguntar sobre os níveis de excelência do ensino superior brasileiro, para só então, após esse registro fazermos menção à permanência ou não de seus alunos. Isso, porque, está claro que as instituições de ensino superior são profundamente desiguais, quanto ao quesito qualidade de ensino, aprimoramento e, sobretudo pesquisa. Mas, se nesse ensaio não cabe essa investigação pormenorizada sobre a qualidade, apelamos ao bom senso do leitor, que sabe bem distinguir níveis de qualidade de ensino na sociedade brasileira. Se voltarmos à reportagem citada do início, veremos que o perfil dos ingressantes, a partir do nome da candidata aprovada na Fuvest, deixa claro que as melhores vagas, estão nas melhores universidades, que via de regra, não conhecem o termo evasão escolar em seu vocabulário e que são ocupadas pelos mesmos segmentos sociais, que não evadem. Apenas um dado: no estudo de Ernesto Lima

Gonçalves, sobre Evasão no Ensino Universitário: a escola médica em questão (2000), o pesquisador apresenta o seguinte registro de sua pesquisa: No ano de 1995, na USP, no curso de medicina, dos 1.094 matriculados, houve apenas nove (9) desligamentos.

Evasão escolar é um termo que está associado às classes baixas da sociedade brasileira. No dicionário da realidade social, a evasão escolar é uma velha conhecida, enquanto um problema social que afeta as políticas públicas para a inclusão social do indivíduo pela educação. Em outras palavras as verdadeiras vítimas da evasão escolar são os pobres.

A evasão escolar na sociedade brasileira é um problema recorrente. Mas, a entrada e permanência na universidade também podem ser visto como um problema se a análise recai no perfil social da segmentação. Faz-se pensar. O indicativo da reportagem serviu para estimular o debate sobre perfis sociais. Inspiração vinda da literatura, os tipos que compõem a realidade brasileira, apresenta-se nos textos dos mestres de nossas letras. O realismo de Machado de Assis, por exemplo, é um cabedal de excelência para a composição da cena carioca do século XIX. A marca fisiológica e psíquica dos tipos sociais trazidos pela literatura são caracteres de uma época e permite a generalização de um estudo do coletivo. O que Jung chamava de arquétipos, são antes mais nada, modelos que permitem a captação do tempo histórico da humanidade e o reconhecimento dos fatores fixos de uma época. Se Jung fala de uma transcendência dos arquétipos, o ensaio sociológico se limita ao fenômeno social de uma determinada época para compreender a “permanência” dos tipos sociais e os fatores que preservam tal permanência e que podem obstruir a transformação social.

REFERÊNCIAS

ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. **Os Estabelecidos e os *Outsiders***: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.

GONÇALVES, Ernesto Lima. **Evasão no Ensino Universitário: A Escola Médica em Questão**. Núcleo de Pesquisas sobre Ensino Superior da Universidade de São Paulo. 2000.